

# CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM GINÁSTICA ARTÍSTICA



ENSINO FUNDAMENTAL  
ANOS INICIAIS

THAIS VINCIPROVA CHIESSE DE ANDRADE

MARCELO PARAÍSO ALVES



### **FICHA CATALOGRÁFICA**

Bibliotecária: Alice Tacão Wagner - CRB 7/RJ 4316

A554c Andrade, Thais Vinciprova Chiesse de.  
Curso de formação continuada em ginástica artística. / Thais  
Vinciprova Chiesse de Andrade - Volta Redonda: UniFOA, 2016.

42 p. : Il

Orientador(a): Marcelo Paraíso Alves

Produto (Mestrado) – UniFOA / Mestrado Profissional em Ensino em  
Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, 2016.

1. Ciências da saúde - produto. 2. Ginástica Artística. 3. Educação física escolar. I. Alves, Marcelo Paraíso. II. Centro Universitário de Volta Redonda. III. Título.

CDD – 610

# **CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM GINÁSTICA ARTÍSTICA**

## **ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

Thais Vinciprova Chiesse de Andrade  
Marcelo Paraíso Alves

2016





# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>MÓDULO I</b> .....	<b>9</b>
2.1	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO .....	9
2.2	AS CARACTERÍSTICAS E NECESSIDADES DOS ALUNOS(AS) DO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS INICIAIS) .....	10
2.3	O UNIVERSO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA .....	13
2.4	A REALIDADE DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ....	16
2.5	GINÁSTICA ARTÍSTICA “DA” ESCOLA .....	19
<b>3</b>	<b>MÓDULO II</b> .....	<b>26</b>
3.1	INICIAÇÃO AS POSIÇÕES/POSTURAS BÁSICAS, SALTOS BÁSICOS E MOVIMENTOS BÁSICOS DA GA (SOLO).....	26
3.1.1	Posições/Posturas básicas.....	26
3.1.2	Movimentos básicos .....	29
3.2	INICIAÇÃO AOS MOVIMENTOS GÍMNICOS.....	32
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>38</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>40</b>



Sabendo que a Educação Física possui um rico e diversificado conteúdo, como por exemplo, as diferentes modalidades de jogos coletivos e individuais, lutas, dança e ginástica e que, em cada escola esse conteúdo é reestruturado singularmente, pois sofrem alterações e adaptações de acordo com as características, necessidades, demandas e anseios da realidade do grupo social em questão (GAIO; BATISTA, 2006; MARCO, 2006), propomos um curso de Ginástica Artística para professores de Educação Física que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Dentre as inúmeras propostas ou abordagens para o campo da Educação Física, a temática da Ginástica é mencionada como um conteúdo possível, sendo a Ginástica Artística (GA) uma das suas manifestações (DARIDO; SOUZA JR, 2007). Em outras, como o Currículo Mínimo, a GA é exigida pela SEEDUC-RJ, como um conteúdo obrigatório nas aulas de Educação Física.

Porém, alguns estudos (GAIO; BATISTA, 2006; SAWASATO; CASTRO, 2006; SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2006; DA SILVA et al, 2009) demonstram que apesar da contribuição significativa da referida modalidade no desenvolvimento da criança, sua presença na escola é quase inexistente (BEZERRA; FERREIRA FILHO; FELICIANO, 2006).

Nesta linha de pensamento a GA configura-se como conteúdo importante para a Educação Física no Ensino Fundamental ao considerarmos as diversas possibilidades de vivências e exploração de suas capacidades motoras: equilíbrio, agilidade, coordenação, entre outros. Além de permitir, por intermédio dos exercícios, dos aparelhos e dos movimentos, a experimentação de diferentes planos (alto, baixo, estreito, grosso) e posições.

Assim, o objetivo deste curso de formação continuada em Ginástica Artística para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental é ampliar os conhecimentos dos docentes sobre o processo de ensino e aprendizagem da Ginástica Artística no cotidiano escolar. Cabe esclarecer que o curso proposto tem como centralidade a escola e a realidade em que está inserida, portanto não possui a pretensão de servir com um modelo único, mas como uma proposta de ação.

O curso é dividido em dois módulos e os módulos são subdivididos em etapas. Segue abaixo tabela com os módulos, suas etapas e seus respectivos objetivos.

Tabela 1 – Módulos, etapas e objetivos do curso

MÓDULOS	ETAPAS	OBJETIVOS
I (4 hs)	Educação Física Escolar e Cultura Corporal de Movimento	Apresentar aos docentes a visão de uma Educação Física voltada para a Cultura Corporal de Movimento.
	As características e necessidades dos alunos(as) do Ensino Fundamental (anos iniciais)	Identificar as características e necessidades dos alunos(as) para auxiliar no planejamento das aulas.
	O Universo da Ginástica Artística	Apresentar aos professores o conteúdo em questão, ou seja, a Ginástica Artística.
	A realidade da Ginástica Artística na Educação Física Escolar	Apresentar aos docentes o que vem sendo realizado com a GA nas escolas e o que se pretende que aconteça a partir do curso.
	Pedagogia da Ginástica Artística “da” Escola	Apresentar possibilidades de aplicação da GA sem a utilização de materiais, enfatizando a ludicidade, ampliando o repertório dos professores.
II (4 hs)	Posições básicas e movimentos básicos da Ginástica Artística	Apresentar as posições básicas e os movimentos básicos da Ginástica Artística
	Movimentos Gímnicos	Apresentar os movimentos gímnicos





## 2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO

Essa etapa tem como objetivo apresentar aos docentes a visão de uma Educação Física voltada para a Cultura Corporal de Movimento.

A proposta da cultura corporal de movimento emerge enredada aos movimentos renovadores da Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 2012) no início da década de 1980, cuja preocupação se destinava a questionar os parâmetros de ensino de cunho tecnicista, propondo processos de ensino com base em teorias críticas e progressistas.

Seus conteúdos são os historicamente propostos pela Educação Física Escolar no Brasil (jogos, esportes, **ginásticas**, danças, lutas), porém o objetivo ultrapassa as regras, técnicas e táticas de cada conteúdo e o que pretendemos é valorizar o contexto em que a prática se desenvolve.

Portanto, existe a preocupação com a contextualização dos conteúdos, bem como a articulação às questões econômicas, sociais, políticas e culturais que interferem no processo de ensino e aprendizagem: *“Os alunos(as) devem saber conceitos sobre os conteúdos e também procedimentos e atitudes acerca de como fazer quaisquer atividades propostas, respeitando sua individualidade e o grupo”*. (GALVÃO; RODRIGUES; NETO; 2005, p. 34).

Nessa perspectiva a escola é concebida como um local de produção cultural e não devemos limitar a Educação Física a **ensinar esporte**, mas sim **ensinar por meio do esporte**. O professor é um mediador, que incentiva a criatividade dos alunos(as) e direciona seu caminho. Nada chega pronto, tudo é construído coletivamente (BETTI; ZULIANI, 2002).

A escola é lugar de circular, de reinventar, de estimular, de transmitir, de produzir, enfim, de praticar cultura. O homem deve ser reconhecido como ser de cultura (s), reconhecer nos corpos humanos a(s) cultura(s), compreender a escola como lugar de cultura. Cabe ressaltar o conceito de cultura que estabelecemos *“como um produto da sociedade, da coletividade à qual os indivíduos pertencem, antecedendo-os e transcendendo-os”* (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2000, p. 26).

Sendo assim, cultura não é ter conhecimento sobre determinado saber – sentido usual do termo, é um conjunto de códigos simbólicos identificados por um grupo que acompanham o indivíduo desde sua concepção, permanecem na infância, adolescência e interferem na vida adulta, diferenciando a maneira como cada grupo social lida com as obrigações da vida.

Partindo desse pensamento Vago (2006) ressalta a responsabilidade social que a escola tem a responsabilidade social de transmitir cultura a todos. Devendo fazer esse movimento em três dimensões: ao mesmo tempo em que se transmite cultura, ser crítico a cultura e produzir a mesma.

O ensino de esporte na Educação Física não deve ser aprisionado (nem asfixiado) a critérios como os de seleção, exclusão, performance, rendimento, vitória, dentre outros. Critérios que não devem ter lugar na escola, se queremos respeitar o princípio de que ela (e tudo o que nela se pratica) é um direito (VAGO, 2006; p. 18).

Assim, o esporte que deve ser trabalhado na escola não é o esporte de rendimento, que regue suas técnicas e regras e estimula a competição. É necessário pensar na construção de outras formas de praticar e organizar o esporte na escola, tendo como orientação pedagógica a própria escola e seu público.

## 2.2 AS CARACTERÍSTICAS E NECESSIDADES DOS ALUNOS(AS) DO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS INICIAIS)

Essa etapa tem como objetivo identificar as características e necessidades dos alunos(as) para auxiliar no planejamento das aulas.

As crianças no Ensino Fundamental – anos iniciais se encontram em duas fases do desenvolvimento motor: Fase Motora Fundamental – estágio maduro (6 a 7 anos) e Fase Motora Especializada – estágio transitório (7 a 10 anos) (GALLAHUE; OZMUN, 2013).

Segundo Gallahue e Ozmun (2013) na fase motora Fundamental o estágio maduro (6 a 7 anos) é caracterizado por desempenhos mecanicamente eficientes, coordenados e controlados. Nesse período, a criança está ativamente envolvida na experimentação e exploração de suas capacidades motoras.

Já na fase motora Especializada (estágio transitório – 7 aos 10 anos), as habilidades motoras são resultados da fase motora fundamental. O movimento torna-se uma ferramenta que se aplica a muitas atividades motoras complexas presentes na vida diária, na recreação e nos desportos.

É neste período que outras habilidades estabilizadoras, manipulativas e locomotoras são progressivamente refinadas, combinadas e elaboradas para o uso em situação crescente.

O desenvolvimento motor não é algo natural que ocorre de forma igual para todos, ele sofre grande influência do meio. Segundo Pellegrini et al (2005, p.179):

O desenvolvimento motor consiste em uma série de mudanças que ocorrem ao longo do ciclo vital em termos do deslocamento de partes do corpo ou de todo o corpo no espaço. O movimento é o elemento central na comunicação e interação com as outras pessoas e com o meio ambiente à nossa volta; é central também na aquisição do conhecimento de si e da natureza. Apesar dos movimentos estarem presentes em todas as nossas ações, eles não se repetem, variando em função da nossa disposição física e mental daquele momento. A aquisição de habilidades motoras que ocorre ao longo dos anos é fruto não só das disposições do indivíduo para a ação, mas principalmente do contexto físico e sócio-cultural onde o indivíduo está inserido.

É importante ressaltar que a Educação Física no Ensino Fundamental possibilita que os alunos tenham a oportunidade de desenvolver as **habilidades corporais**, participando de atividades culturais como jogos, lutas, **ginásticas**, esportes e danças, contribuindo para a **formação do cidadão**. Buscando desenvolver a autonomia, a cooperação a participação social, seus valores e princípios democráticos. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2000).

Nessa perspectiva devemos pensar no conteúdo para além do gesto motor, o Coletivo de Autores (2012) incentiva a organização curricular em Ciclos de Escolarização Básica e menciona a necessidade de uma revisão do sistema de seriação. Como ainda utilizamos o sistema de séries/ano, utilizaremos essa nomenclatura para facilitar a associação. O primeiro ciclo corresponde as séries da Educação Infantil ao 4º ano. É o ciclo de organização da identidade dos dados da realidade. Nesse momento o aluno identifica os dados de forma difusa, misturada. E é fundamental o auxílio do professor para que ele consiga formar sistemas, relacionar as coisas, ser capaz de identificar as semelhanças e as diferenças.

O aluno precisa do concreto nessa etapa, então o professor precisa mostrar o que o aluno deve fazer e para um melhor desempenho auxiliar a execução junto ao aluno.

Um exemplo é pedir para o aluno realizar a ponta de pé, nessa idade não basta pedir, ou mostrar, é necessário por muitas vezes tocar nos pés do aluno e ajudá-lo a executar o movimento, para a partir dessa ação ele fazer a identificação. Esse período tem a prevalência das referências sensoriais na relação com o conhecimento, valorizando os sentidos para o aprendizado. O aluno demonstra qualidade quando consegue categorizar, classificar e associar os objetos.

O segundo ciclo corresponde ao 5º, 6º e 7ºano. É o ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento. O aluno começa a adquirir a consciência do abstrato, ele demonstra qualidade quando começa a estabelecer generalizações.

O aluno a partir do 5º ano começa a entender melhor o que não se vê, antes disso tudo fica confuso. Desta maneira o professor a partir desta etapa começa a conseguir utilizar referências abstratas.

Mattos e Neira (2008) ressaltam que devemos estar atentos para as características dos alunos, a relevância social e a característica da área, ou seja, é importante observar não só “os aspectos cognitivos, afetivo-sociais e psicomotores do educando, como também do patrimônio cultural ao qual ele tem acesso como ponto de partida para elaboração de uma proposta de atividades” (p.37).

Nesse sentido, os autores acima citados, apresentam um quadro com uma visão geral sobre as características das faixas etárias.

Tabela 2 – Visão geral sobre as características das faixas etárias

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>SÓCIO-AFETIVO (Wallon)</b>	<b>COGNITIVO (Piaget)</b>	<b>MOTOR (Vayer)</b>
3 a 6 anos	Crise da oposição e inibição, aquisição da consciência do eu, narcisismo, egocentrismo, auto-admiração, imitação, inserido no contexto familiar	Fase pré-conceitual, aquisição da função simbólica, pensamento irreversível, os estados são resultantes de transformações incoerentes	Através da ação, melhora e precisão e coordenação de movimentos, utilização cada vez mais diferenciada e precisa dos seus segmentos
7 a 10 anos	Personalidade polivalente, ajustamento da conduta às circunstâncias, consciência, mais preciso e completo de si	Progressiva descentralização, coordenação interiorizada dos esquemas de ação, operações simples e concretas	Associa as sensações motoras aos outros sentidos, controla respiração e postura, afirma a lateralidade, possibilidade de relaxamento, independência de segmentos, transporta o conhecimento de si aos outros
11 anos em diante	Extrema valorização do grupo, conhecimento incompleto do seu potencial, período da testagem	Surgimento do pensamento lógico e dedutivo	Movimento corporal mais preciso e rítmico, consciente das próprias possibilidades alheias

Seguindo a linha de pensamento de Freire (2001) acreditamos que o desenvolvimento da criança não deve ser restrito a atividades com movimentos pré-definidos. A utilização de brinquedos e brincadeiras, de origem cultural de cada região, agregam melhor aproveitamento das habilidades motoras e a partir disso extrai-se o melhor progresso dessas crianças.

### 2.3 O UNIVERSO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Essa etapa tem como objetivo discutir junto aos professores o conteúdo em questão, ou seja, a Ginástica Artística. A intenção é debater como a GA e suas diversas formas de aplicação (alto rendimento, preparação física, atividade física, entre outros), bem como seus aparelhos e provas, podem contribuir com a Educação Física Escolar e a cultura corporal de movimento.

A Ginástica Artística (GA) tendo sido criada no século XIX evoluiu bastante até chegar aos nossos dias (NUNOMURA, M., 2008). Muitos ainda a conhecem como Ginástica Olímpica (GO). A mudança de nome veio em 2006 por meio de uma assembleia da Confederação Brasileira de Ginástica (NUNOMURA, M. et al, 2009) seguindo a definição da Federação Internacional de Ginástica (FIG), que considera “Ginástica Olímpica” todas as modalidades incluídas no Programa Olímpico, sendo elas Ginástica Artística Feminina e Masculina, Ginástica Rítmica e Trampolim Acrobático (NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V., 2005).

No Brasil, a chegada da GA ocorreu com a colonização Alemã no Rio Grande do Sul, em 1824, e foi oficializada em 1951, ano em que aconteceu o primeiro Campeonato Brasileiro de Ginástica (PUBLIO, 2002).

Atualmente, os atletas da Ginástica Artística vêm obtendo resultados internacionais expressivos chegando a ganhar sua primeira medalha Olímpica com o ouro de Arthur Zanetti nas argolas, em 2012, 05 medalhas no pan-americano de 2015 (bronze de Caio Souza no salto, prata por equipe no masculino e bronze no feminino, um bronze no Individual Geral com Flávia Saraiva e um ouro nas argolas com Arthur Zanetti. Sua exposição na mídia também aumentou, contribuindo para a popularização do esporte e crescimento de sua presença em projetos sociais, clubes e escolas.

A visão que a maioria das pessoas tem da GA é a de uma modalidade esportiva competitiva, de difícil acesso, que exige especialização precoce, diversas habilidades motoras específicas e um biotipo próprio para a sua prática. Poucos sabem que a referida prática esportiva pode ser praticada por qualquer pessoa, de qualquer faixa etária, peso, sexo e que tudo depende do objetivo que se deseja alcançar (NUNOMURA et al, 2009).

Nessa perspectiva, é possível perceber a existência de divisões distintas da Ginástica Artística, conforme proposto por Gaio (2006), Sawasato e Castro (2006) e Paoliello (2011). É importante frisar que apesar da diferença de nomenclatura utilizada pelos autores, o significado de ambos se aproximam.

Gaio (2006) divide a Ginástica Artística em dois tipos: GA competitiva, representada pelas ginásticas consideradas esportes, estabelecidas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), e GA não competitiva, apontando as atividades gímnicas pedagógicas, terapêuticas, corretivas, de condicionamento, de apresentação, de lazer, como alguns dos diversos objetivos e interesses que podem ser encontrados a partir da experiência em ginástica não-competitiva.

Mas seja a GA competitiva ou não, ela sempre ocasiona constantes momentos de superação que proporcionam prazer e satisfação ao praticante. A alegria de um ginasta de alto nível ao executar um duplo twist carpado é similar à de uma criança que após algumas aulas aprende a executar uma estrela. Nos dois casos há superação e desafio; assim é a GA, uma modalidade de superações e desafios constantes e diários, pois a cada dia o praticante tem uma nova meta e a progressão é essencial.

A GA é um esporte que ocasiona sensações atípicas, pois possui movimentos diferentes dos realizados no dia a dia, que se forem experimentados em um ambiente rico em estímulos, podem contribuir para um desenvolvimento ainda maior da capacidade de criar e de agir corporalmente sobre determinada situação (NISTA-PICCOLO, 2005).

Paoliello (2011) apresenta uma classificação de acordo com os campos de atuação da ginástica: Ginásticas de Condicionamento Físico, Ginásticas de Competição, Ginásticas Fisioterápicas, Ginásticas de Conscientização Corporal e Ginásticas de Demonstração, com o objetivo de ampliar a compreensão desta manifestação da cultura corporal. A intenção foi demonstrar a abrangência da Ginástica no cenário da atividade física, ao invés de estabelecer um conceito único, que certamente restringe o entendimento deste imenso universo.

Com relação à ótica de Sawasato e Castro (2006), um enfoque mais abrangente pode ser dado a essa modalidade, como uma atividade física de base, que ajuda na formação e na educação, dando continuidade à necessidade de movimentos do ser humano, devendo ser estimulada e difundida devido a sua importância dentro de uma perspectiva pedagógica de vivência e experiência motora. Elas defendem e dividem a GA em dois grupos de atividade: GA – atividade física e GA – esporte.

A GA vista com caráter de atividade física foi subdividida em: formativa, preparação física e ao alcance de todos, pois favorece a diversidade de experiências motoras, assim como possibilita um trabalho do corpo de forma global, desenvolvendo as capacidades físicas, ampliando o repertório motor e possibilitando melhora na prática de diferentes modalidades esportivas. Além disso, promove grande satisfação pessoal, proporcionando experiências motoras, cognitivas e sócio-afetivas por meio da utilização de materiais em situações diversificadas, o que possibilita o enriquecimento da consciência corporal nas ações vivenciadas individualmente e em grupo (SAWASATO; CASTRO, 2006).

Em especial, crianças na fase de conhecimento corporal só vêm beneficiando-se e auxiliando-se nas conquistas corpóreas. A relação do aluno (a) com os colegas que estão ao seu lado é de fundamental importância em sua vida diária, uma vez que aprende a se socializar e compartilhar as dificuldades e acertos no processo de aprendizagem.

Tendo em vista o caráter esportivo, - GA – esporte - a modalidade possui certos fatores que colaboram para o êxito, tais como: características morfológicas, antropométricas e nutricionais. A baixa estatura das ginastas de alto nível costuma ser motivo de preconceito à modalidade, o que pode ser encarado como um mito, pois os estudos não são conclusivos em relação à influência do treinamento de GA sobre o crescimento e a maturação dos atletas, não existindo evidências para condenar a prática da modalidade (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005). Uma justificativa para a baixa estatura é a seleção natural do esporte, uma vez que quanto mais baixa a pessoa, mais seu centro de gravidade se aproxima do solo, o que facilita as acrobacias no ar.

Além disso, o esporte de alto rendimento se caracteriza pela apresentação precisa de altas performances de dificuldade dos elementos nas provas oficiais. Essas provas se distinguem no feminino e masculino, sendo 6 provas para os homens (solo, cavalo com alças, argolas, salto sobre a mesa, barras paralelas simétricas e barra fixa) e 4 provas para as mulheres (salto sobre a mesa, barras paralelas assimétricas, trave de equilíbrio e solo) (SAWASATO; CASTRO, 2006).

## 2.4 A REALIDADE DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Essa etapa tem como objetivo apresentar aos docentes o que vem sendo realizado com a GA nas escolas e o que pretendemos com o curso.

Apesar de a GA ser vista pela maior parte da população como um esporte de difícil acesso com características próprias, como já foi mencionado e existe um grupo de autores que procura mostrar a GA como uma cultura corporal de movimento que deve ser desenvolvida nas escolas em decorrência das contribuições que oferece aos alunos(as). Essa preocupação já era vista em Nista-Piccolo (1988), que ao realizar uma pesquisa buscando conhecer as dificuldades de aplicação da ginástica nas aulas de Educação Física encontrou a seguintes realidade:

a falta de material, o medo de acidentes e, predominantemente, o desconhecimento dos processos pedagógicos para ensinar a ginástica foram as alegações mais encontradas no discurso dos docentes. Politto (1998) refez a pesquisa para verificar os resultados após dez anos. As dificuldades encontradas pela autora foram muito semelhantes às mencionadas por Nista-Piccolo (1988), sendo a falta de conhecimento dos professores a respeito da Ginástica a justificativa mais encontrada.

Schiavon e Nista-Piccolo (2006), realizaram uma pesquisa que buscou atender diretamente os profissionais que atuam nas escolas. Para isso, além de buscar respostas em livros, as autoras utilizaram como referência as aulas de GA e Ginástica Rítmica (GR), visando compreender e analisar as dificuldades encontradas na realidade escolar, e propuseram alternativas para as aulas de GA e GR no ambiente da escola. As autoras perceberam que *“mais importante do que solucionar o problema de falta de material é capacitar e trocar conhecimentos com os professores”* (p. 147). Elas reforçam que as modalidades gímnicas, em geral, não foram praticadas pelos docentes durante a trajetória acadêmica, sendo necessário não só oferecer conhecimentos técnicos relacionados à GA como também criar possibilidades de transformação dos conhecimentos para as escolas, de acordo com suas realidades.

Um dado que nos remete a perceber a lacuna existente nas atividades gímnicas emerge do trabalho de Pereira, Andrade e Cesário (2012). Os autores ao investigarem a produção do conhecimento na área de Educação Física, especificamente em Ginástica, tendo como referência as dissertações de mestrado e as teses de doutorado produzidas em nível nacional na primeira década do século XXI, menciona que das quarenta e nove dissertações de mestrado apenas oito trabalhos fazem referência a escola e das seis teses de doutorado apenas um trabalho.

Na categoria escolar, as autoras notaram a preocupação dos pesquisadores com a questão que afeta a GA como conteúdo curricular das aulas de Educação Física. Os estudos pesquisados defendem a GA como conteúdo relevante a ser ensinado nas aulas de Educação Física nos diferentes níveis da educação básica. As pesquisas ainda revelam preocupações com o desenvolvimento humano e valores éticos. As autoras constataram a predominância de temáticas relacionadas à saúde, fitness e esporte.

Silva e Sampaio (2012) buscaram analisar o que os estudos revelam sobre os conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental (EF). Tiveram como objeto de análise 24 artigos publicados em periódicos nacionais. Concluíram que há a tendência de uma monocultura corporal relacionada aos esportes com bola, especificamente o voleibol, handebol, basquetebol e futsal, limitando o acesso e conhecimento de outras manifestações da cultura corporal do movimento.

O fato de a Ginástica Artística ser conhecida como um esporte olímpico de alto nível de rendimento que exige especialização precoce, treinamento e dedicação excessivos, disciplina e aprimoramento de diversas capacidades físicas objetivando a competição, também é apontado como mais um inibidor da sua implantação nas aulas de Educação Física Escolar, pois muitos professores ainda têm dificuldade em perceber a ginástica além de sua forma desportivizada (AYOUB, 2003).

Schiavon e Nista-Piccolo (2006) reiteram tal perspectiva mencionando que alguns docentes desconhecem a contribuição que os movimentos básicos da ginástica oferecem para o desenvolvimento motor de seus alunos(as). Alguns professores possuem “uma visão limitada e pouco criativa das possibilidades de adequação dos conhecimentos gímnicos numa perspectiva pedagógica e de vivência desses conhecimentos pelo aluno(a)” (PAOLIELLO, 2001, p. 25).

Assim, é importante ressaltar que a Educação Física, na perspectiva da cultura corporal de movimento, não tem como objetivo ensinar o esporte e sua execução perfeita, mas sim oportunizar a vivência de diferentes práticas corporais, ampliando o repertório motor do aluno(a) (VAGO, 2009). E para que isso seja atingido, é fundamental que o professor ofereça o máximo de movimentos possíveis, fazendo com que a criança experimente, crie e imite, podendo utilizá-los no dia a dia (SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2006).

É necessário que o profissional saiba diferenciar as características e necessidades de cada etapa do desenvolvimento humano, sabendo dosar a intensidade dos exercícios e entendendo o aluno(a) como um todo. Em se tratando de ações escolares, a aula deve ser preparada para o alcance de todos, onde em uma turma heterogênea todos possam vivenciar o movimento (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

Neste sentido, é por meio da exploração dos movimentos que a criança desenvolve a consciência de si mesma e do mundo exterior (GO TANI et al, 2005), o que fortalece a importância de uma Educação Física Escolar que estimula diferentes vivências.

De acordo com Leguet (1987), alguns aspectos da GA também podem ser encontrados em outros tipos de práticas, porém, há um que é específico desta modalidade: realizar as ações motoras num meio particular: os aparelhos. Para o autor, os aparelhos proporcionam uma vasta possibilidade de vivência de movimentos que auxiliam o desenvolvimento motor e psicomotor.

Com relação aos aparelhos, eles podem ser classificados como: oficiais, alternativos e adaptados. Os aparelhos oficiais são estabelecidos pelas regras oficiais do esporte.

Já os aparelhos alternativos e adaptados aumentam a possibilidade da prática de GA, cabendo ao professor fazer as adaptações necessárias para a realidade da sua escola.

Schiavon (2003), ao discutir a realidade escolar e os recursos materiais, desenvolve uma proposta de materiais alternativos para a GA, a fim de melhorar o acesso da mesma no contexto educacional, pois devido ao alto custo dos materiais oficiais e à falta de espaço apropriado, muitos profissionais, segundo a autora, não tem a oportunidade de utilizar este recurso, que teriam com os materiais alternativos.

Com base nos apontamentos supracitados, podemos perceber que a GA não deve ser vista apenas como esporte, mas também como uma atividade física de base, formativa e educativa, que faz parte da diversidade da cultura corporal inserida no currículo da Educação Física, podendo mais utilizada no contexto escolar.

## 2.5 GINÁSTICA ARTÍSTICA “DA” ESCOLA

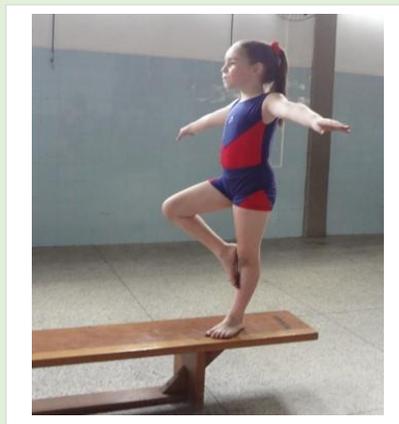
Essa etapa tem como objetivo apresentar possibilidades de aplicação da GA sem a utilização de materiais, enfatizando a ludicidade, ampliando o repertório dos professores, bem como construir a ginástica da escola, aquela em que muito mais do que executar certo movimento irá valorizar o processo de aprendizagem para se chegar no mesmo.

O professor é um mediador, que incentiva a criatividade dos alunos(as) e direciona seu caminho.

Nessa perspectiva, ao pensarmos na GA como conteúdo possível na EFE, é preciso refletir sobre a falta de materiais oficiais nas escolas. Isso não deve ser motivo para não aplicar a GA, é necessário estar disposto a fazer adaptações possíveis para o trabalho nos aparelhos. A seguir serão dados alguns exemplos de adaptações que podem ser efetuadas para oportunizar vivências similares aos alunos.

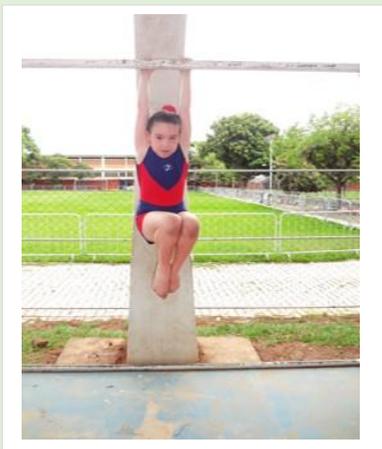
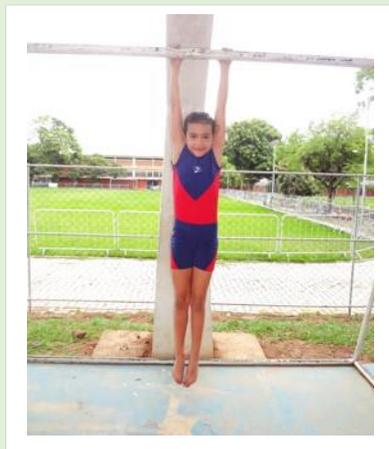
- Utilizar as linhas da quadra / banco sueco / meio fio para trabalhar os diferentes deslocamentos, saltos e saltitos da trave.

### DESLOCAMENTOS NA TRAVE



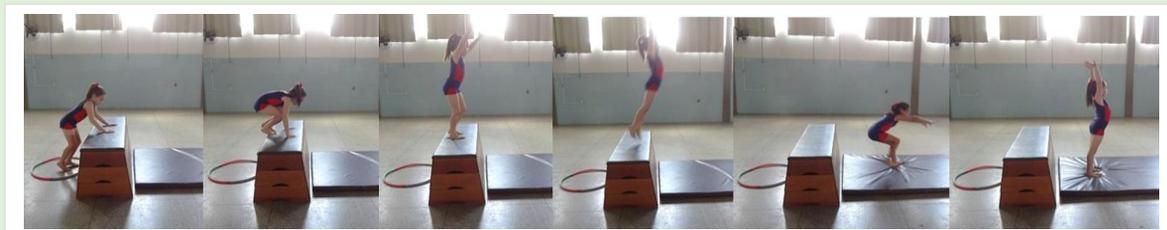
- Utilizar a trave do gol para trabalhar os deslocamentos em suspensão, os rolamentos para trás em suspensão, vela em suspensão, balanços.

### SUSPENSÕES DA PARALELA



- Utilizar o plinto / bancos do colégio para o trabalho inicial de salto sobre a mesa.
- Utilizar bambolês para o ensino da abordagem ao aparelho do salto sobre a mesa.

### INICIAÇÃO AO SALTO SOBRE A MESA



O professor deve variar suas atividades, utilizando tanto atividades lúdicas como atividades técnicas dentro de suas aulas. Lembrando que o objetivo é voltado para a vivência da cultura corporal do aluno, não significando que o docente não deva estimular a realização correta dos movimentos, esse só não deve ser o objetivo principal.

Na perspectiva das atividades técnicas, Bracht (2009) explica que quem critica o esporte não é contra o mesmo, na verdade o que se pretende é modifica-lo, é trata-lo pedagogicamente. Contrariando a perspectiva conservadora de educação. Da mesma forma que tratar criticamente o esporte na escola não significa ser contra a técnica esportiva. O que muda é a finalidade, a técnica deixa de ser o objetivo final e passa a ser meio para permitir aos sujeitos uma forma de se expressar e estabelecer uma relação com o meio e com outras pessoas.

Já na visão das atividades lúdicas, Freire (2001) defende a importância e os benefícios do brincar. Ele tem que ser visto como um instrumento pedagógico que estimula as capacidades relacionadas às dimensões motoras, afetivas, sociais e cognitivas e não deve ser reduzido a movimentos vazios e descontextualizados.

A seguir serão dados alguns exemplos de atividades lúdicas (jogos e brincadeiras populares) adaptadas para a GA que podem ser efetuadas para oportunizar vivências aos alunos. Para facilitar o trabalho docente, visto que acreditamos no ensino que pensa no aluno como um todo e não só no gesto técnico, cada atividade estará com seu eixo temático, as suas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais e as principais valências físicas trabalhadas em seu desenvolvimento.

- **PIQUE COLA ADAPTADO**

**Eixo Temático** – Estruturação espacial, orientação temporal e esquema corporal

**Conceituais** – Atenção, identificar e transferir

**Procedimentais** – Correr, realizar posições específicas da GA

**Atitudinais** – Participação, cooperação

**Valências Físicas de base** – velocidade de deslocamento, agilidade, equilíbrio dinâmico e estático, força dinâmica e estática, coordenação, ritmo.

Uma das crianças é escolhida como pegador e corre atrás das outras do grupo. Se pegar um dos participantes, este fica parado (em determinada posição da GA pré-estabelecida pelo professor, ex. avião frontal, vela, etc.), como se estivesse colado. Se outra criança encostar naquela que está colada, ela descola e volta para brincadeira. Se uma criança for colada três vezes, passa a ser o pegador.

- **MORTO / VIVO**

**Eixo Temático** – Esquema corporal

**Conceituais** – Atenção e concentração

**Procedimentais** – Estar em pé, estar abaixado, estar realizando as posturas básicas da ginástica Artística

**Atitudinais** – Conhecimento e respeito a si e dos outros

**Valências Físicas de base** – Velocidade de reação, equilíbrio dinâmico e estático, flexibilidade, força dinâmica e estática.

O professor dará os comandos e os alunos executam a tarefa. Ao dizer “vivo” – as crianças devem se manter em pé, ao dizer “morto” – as crianças devem se abaixar. O professor adaptará utilizando as posturas básicas “estendido” para vivo e “grupado” para morto. É possível alterar para as demais posturas básicas também. As crianças que errarem são eliminadas (ou não, depende do objetivo do professor e da característica da turma) até que tenha o vencedor da rodada.

- **JOÃO, JOSÉ E JOANA**

**Eixo Temático** – Estruturação espacial, lateralidade

**Conceituais** – Discriminação auditiva, atenção e concentração

**Procedimentais** – Equilibrar

**Atitudinais** – Conhecimento e respeito a si e dos outros

**Valências Físicas de base** – Velocidade de reação, equilíbrio dinâmico e estático

Os alunos devem ficar em uma linha ou banco sueco. Ao comando do professor devem dar um passo. A palavra “João”, corresponde a um passo para o lado direito, a palavra “José” corresponde a um passo para o lado esquerdo e a palavra “Joana” todos devem permanecer parados no lugar. As crianças que errarem são eliminadas (ou não, depende do objetivo do professor e da característica da turma) até que tenha o vencedor da rodada.

- **CORRIDA DO CARRINHO DE MÃOS**

**Eixo Temático** – Esquema Corporal, estruturação espacial

**Conceituais** – Ordenação

**Procedimentais** – Deslocar com o apoio das mãos e auxílio de um colega

**Atitudinais** – Respeito ao outro, cooperação e competição

**Valências Físicas** – Força dinâmica, equilíbrio dinâmico

Os alunos deverão formar duplas e a turma será dividida em grupos com números iguais de participantes. Cada grupo deverá formar uma fila. Ao comando do professor a primeira dupla de cada fila deverá se deslocar de carrinho de mão até um determinado ponto pré-estabelecido e trocar de função (quem estava segurando irá deslocar-se e vice-versa) e voltar a sua fila. A segunda dupla repetirá o processo e assim sucessivamente até que todos tenham realizado o deslocamento. Ganha a equipe que concluir a tarefa primeiro.

- **ESTÁTUA**

**Eixo Temático** – Identificar, transferir, conhecer

**Conceituais** – Conhecer as posturas e movimentos da GA

**Procedimentais** – Realizar as posturas e movimentos da GA

**Atitudinais** – Autoconfiança, autocontrole

**Valências Físicas** – Equilíbrio estático

A turma estará distribuída pela quadra, se deslocando ao som de uma música. O professor irá pré-estabelecer qual a postura/movimento da GA o aluno deve realizar quando a música parar. Ganha o aluno que permanecer imóvel na posição.

Nota: Todas as fotos deste material são do acervo pessoal da autora e foram submetidas ao comitê de ética, tendo o termo de autorização de uso de imagem assinado pelos responsáveis.



### 3.1 INICIAÇÃO AS POSIÇÕES/POSTURAS BÁSICAS, SALTOS BÁSICOS E MOVIMENTOS BÁSICOS DA GA (SOLO).

Essa etapa tem como objetivo apresentar as posições/posturas básicas, saltos básicos e movimentos básicos da GA, para que a partir do conhecimento delas o professor possa elaborar suas aulas/atividades de acordo com as necessidades de seus alunos (BREGOLATO, 2002; ARAÚJO, 2012; BROCHADO, 2005)

#### 3.1.1 Posições/Posturas básicas

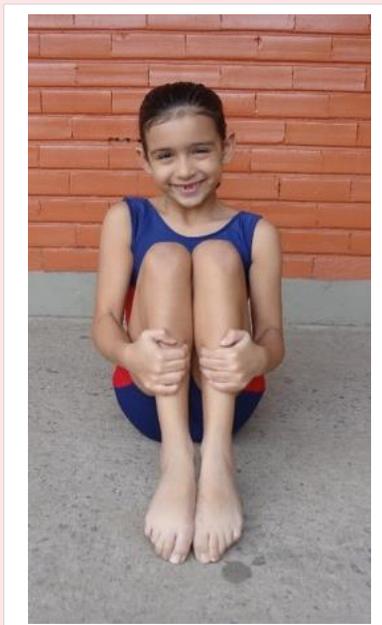
Na Ginástica Artística existem cinco posições principais que o corpo toma quando da realização dos exercícios, essas posições são denominadas posturas básicas. Elas devem ser ensinadas logo no início da atividade, pois iniciam, finalizam e interligam os movimentos propriamente ditos, combinando-os entre si.

São elas:

ESTENDIDA



GRUPADA



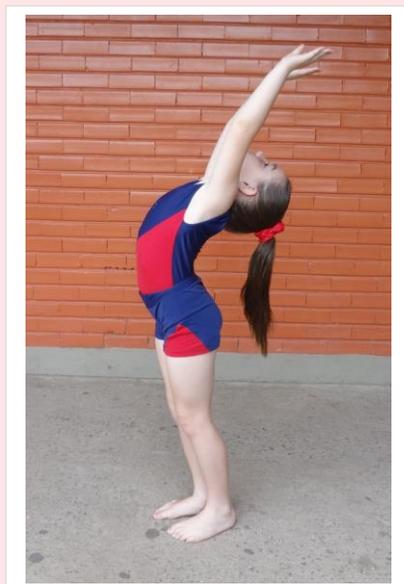
AFASTADA



CARPADA



SELADA



Essas posturas se tornam saltos básicos quando realizadas no ar (exceto a selada). É importante haver um cuidado com a aterrissagem dos saltos. Lembrando que devemos amortecer a queda, evitando lesões na coluna e nos tornozelos. O aluno(a) deve aterrissar primeiro com a parte anterior da planta do pé, seguida pela parte posterior, fazendo sempre uma semi-flexão de joelhos e uma leve inclinação de tronco para frente (demiplié).

## 3.1.2 Movimentos básicos

É importante esclarecer que não mostraremos todos os movimentos básicos, selecionamos os que acreditamos serem mais de acordo para as aulas de Educação Física Escolar. No entanto, nada impede que outros movimentos sejam trabalhados também (espacates e esquadros). Como já foi dito, esse material não serve como um modelo pronto. As referências bibliográficas utilizadas para a confecção do mesmo possuem informações que podem contribuir para um conhecimento adicional.

- **VELA**

A vela dá uma perspectiva de apoio invertido que é importante para o desenvolvimento psicomotor dos alunos.

Em decúbito dorsal elevar as pernas e quadril, mantendo o corpo ereto, apoiado apenas na nuca e nos braços, com as mãos no solo ou ajudando a manter o quadril elevado.

**Erros comuns:** Flexionar as pernas; manter o corpo carpado; não realizar a ponta do pé.

## VELA

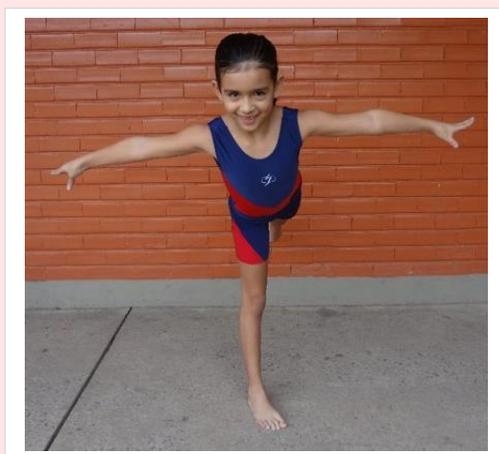


- **AVIÃO FRONTAL**

Com o apoio em um dos pés o aluno deve elevar a outra perna para trás, com uma ligeira inclinação do tronco para a frente, mantendo a cabeça levantada e o olhar em frente.

**Erros comuns:** Flexionar as pernas; perna de elevação abaixo da linha do quadril; falta de equilíbrio; rotação de quadril.

#### AVIÃO FRONTAL



- **AVIÃO EM Y**

Com o apoio em um dos pés o aluno deve elevar lateralmente a outra perna, segurando com a mão o calcanhar, formando o desenho de um “Y”.

**Erros comuns:** Flexionar as pernas; inclinar demasiadamente o tronco; falta de flexibilidade; falta de equilíbrio.

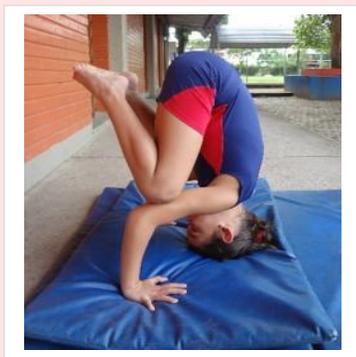
- **PARADA DE TRÊS APOIOS**

Apoiando as mãos e a cabeça no solo formando um triângulo entre si, manter-se em equilíbrio invertido com o corpo estendido, em posição ligeiramente oblíqua.

**Progressão pedagógica:** Em apoio invertido equilibrar-se apoiando os joelhos nos cotovelos. Com o auxílio de um colega juntar os joelhos e subir as pernas até estendê-las.

**Erros comuns:** Apoiar o terço médio em vez de apoiar o terço anterior da cabeça; os três apoios não formarem entre si o desenho de um triângulo equilátero.

#### PROGRESSÃO



#### TRÊS APOIOS



### 3.2 INICIAÇÃO AOS MOVIMENTOS GÍMNICOS

Essa etapa tem como objetivo apresentar os movimentos gímnicos iniciais no trabalho de GA.

- **ROLAMENTO PARA FRENTE GRUPADO**

Partindo da posição em pé com pernas unidas flexiona-las, apoiar as mãos no solo e, impulsionando o corpo com as pernas, rolar sobre as costas em posição grupada, finalizando sobre os pés, elevando-se a posição de pé.

**Erros comuns:** Não apoiar as mãos viradas para frente; não juntar o queixo no peito.

Os alunos podem terminar o rolamento sentados em diferentes posições: grupado, afastado e carpado, estimulando para posteriormente executar as variações do rolamento.

#### ROLAMENTO PARA FRENTE GRUPADO



#### ROLAMENTO PARA FRENTE AFASTADO



- **ROLAMENTO PARA TRÁS GRUPADO**

Partindo da posição de pé, flexionar as pernas, rolar para trás grupado, apoiando as mãos no solo ao lado da cabeça, com os dedos voltados para trás e os polegares voltados para os ouvidos. Empurrar o solo com as mãos até a posição agachada, finalizando em pé.

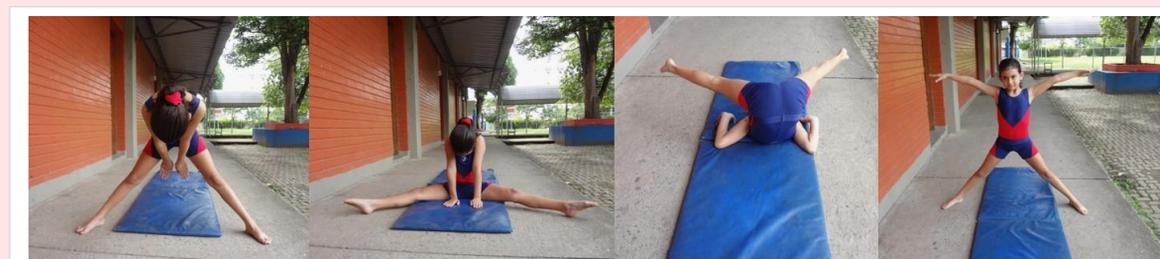
**Erros comuns:** Não manter os braços paralelos; afastar as mãos dos ombros ao apoiá-las no solo; não manter o corpo grupado ao realizar o balanço para trás; lançar a cabeça para trás ao realizar o balanço; não utilizar as mãos e braços como alavanca; virar a cabeça durante o movimento.

**Variações:** Afastado e carpado.

### ROLAMENTO PARA TRÁS GRUPADO



### ROLAMENTO PARA TRÁS AFASTADO



- **ESTRELA**

Deve ser executada com pernas estendidas e afastadas. As pernas devem passar pela vertical, o tronco se mantém tenso e alinhado. No momento do apoio as mãos ficam com os dedos voltados para o lado da perna de apoio, a cabeça em posição natural. Passagem do corpo em extensão pela vertical dos apoios das mãos. O aluno deve terminar para o lado oposto ao que começou o movimento.

**Erros comuns:** colocação das mãos muito perto do apoio do membro inferior de impulsão; colocação das mãos fora da linha de movimento; o corpo não passa pela vertical e/ou ombros avançados; falta de amplitude no afastamento dos membros inferiores.

**Variação:** Estrela com uma das mãos, estrela sem as mãos, estrela com o antebraço.

### ESTRELA



- **PARADAS DE MÃOS (dois apoios)**

Apoio invertido com a utilização de apenas as duas mãos no solo. Corpo ereto em completo alinhamento articular.

**Erros comuns:** Não apoiar as mãos viradas para frente; não alinhar o corpo; não contrair os músculos; cabeça com hiperextensão e ou flexão.

#### PARADA DE MÃOS



#### PARADA DE MÃOS COM AUXÍLIO DA PAREDE



- **PONTE ESTÁTICA**

Em decúbito dorsal apoiar as mãos na largura dos ombros, com os dedos voltados para trás e os polegares voltados para os ouvidos. Elevar o quadril até estender totalmente os braços e pernas.

**Erros comuns:** posicionamento das mãos incorreto, flexão de membros superiores e inferiores.

#### PONTE ESTÁTICA





## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso proposto, visando à formação continuada em Ginástica Artística na escola, tem como centralidade a escola e a realidade em que está inserida, portanto não possui a pretensão de servir com um modelo único, mas como uma proposta de ação. O objetivo é oferecer um espaço de reflexão onde o professor possa pensar sobre o seu trabalho docente, com suas demandas, dificuldades, necessidades e singularidades, visualizando a ginástica “da” escola, como por exemplo: a ausência de materiais, de espaço, de técnica, de habilidades dos alunos(as), dentre outros.

Assim, buscamos outra perspectiva de intervenção pedagógica, que concebe uma Educação Física forjada em parâmetros como: as demandas dos alunos(as), as necessidades locais, o interesse dos praticantes e suas possibilidades, em suma, uma Educação Física da Escola.

Acreditamos que esse pensamento voltado para a cultura corporal de movimento pode ser utilizada para todos os conteúdos da Educação Física Escolar, ampliando a visão da mesma, tirando o caráter esportivo do primeiro plano.

Cabe ressaltar que a formação não cessa, ou seja, o curso aqui pretendido serve como um estímulo para que os docentes se sintam encorajados a trabalhar com a GA nas aulas de EFE. A partir dessa ação, novos conhecimentos serão adquiridos e a formação será sempre contínua, realizada através de cursos e de experiências e vivências profissionais.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, C. M. R. *Manual de ajudas em ginástica*. 2.ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2012.

AYOUB, E. *A Ginástica Geral e Educação Física escolar*. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie da educação física e esporte*, v. 01, n 01 2002 p. 73- 81.

BEZERRA, S. P.; FERREIRA FILHO, R. A.; FELICIANO, J. G. A importância da aplicação de conteúdos da ginástica artística nas aulas de educação física no ensino fundamental de 1ª a 4ª série. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – 2006*, 5 (especial):127-134.

BRACHT, V. Esporte de rendimento na escola. In: STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. (org.). *Esporte de rendimento e esporte na escola – Campinas, SP: Autores Associados, 2009.* – (Coleção Educação Física e Esportes)

BREGOLATO, R. A. *Cultural Corporal da Ginástica*. 2. ed. São Paulo: Ed. Ícone, 2002. 232p. vol.2.

BROCHADO, F., BROCHADO, M. *Fundamentos de Ginástica Artística e de Trampolins*. Ed. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro/RJ, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da Educação Física*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DARIDO, S. C.; SOUZA JUNIOR, O. M. *Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

DA SILVA, C. V. R. et al. Ginástica artística: um projeto de vida. *Revista Tópos*, Vol. 3, No 1 (2009).

FREIRE, J.B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 2001.

GAIO, R.; BATISTA, J.C.A. (Org.). *A ginástica em questão*. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2006.

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C. *Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 3.ed. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

GALVÃO, Z. RODRIGUES, L. R., SANCHES NETO, L. Cultura Corporal de Movimento. In: DARIDO, S. C., RANGEL, I. C. A. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Kogan, 2005. p. 25-35.

GO TANI, et al. *Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MATTOS, M. G., NEIRA, M. G. *Educação física infantil: construindo o movimento na escola*. – 7.ed. ver. e ampliada. – São Paulo: Phorte, 2008.

LEGUET, J. *As ações motoras em Ginástica Desportiva*. São Paulo: Ed. Manole, 1987.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros curriculares nacionais: educação física / Secretaria de Educação Fundamental* – 2.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

NISTA-PICCOLO, V.L. *Atividades Físicas como proposta educacional para a 1ª fase do 1º grau*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, SP, 1988.

NISTA- PICCOLO, V.L. Pedagogia da Ginástica Artística. In: NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V.L. (Org.). *Compreendendo a ginástica artística*. São Paulo: Phorte, 2005. Cap. 2, p.27-35.

NUNOMURA, M. et al. Os Fundamentos da Ginástica Artística. In: NUNOMURA, M. e TSKAMOTO, M. (organizadoras) *Fundamentos das Ginásticas*. 1.ed. – Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.

NUNOMURA, M. *Ginástica Artística*. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V.L. (Org.). *Compreendendo a ginástica artística*. São Paulo: Phorte, 2005.

PAOLIELLO, E. A Ginástica Geral e a formação universitária. In: *FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 1., 2001, Campinas, SP: Anais*. Campinas, SP: SESC: Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2001.

PAOLIELLO, E. *O universo da ginástica*. Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 2011.

PELLEGRINI, A.M. et al. *Desenvolvendo a coordenação motora no ensino fundamental*. São Paulo: UNESP, 2005.

PEREIRA, A.M.; ANDRADE, T.N.; CESÁRIO, M. *A produção do conhecimento científico em ginástica*. Conexões: revista da Faculdade de Educação física da UNICAMP, Campinas, v. 10, n. Especial, p. 56 – 79, dez. 2012.

POLITTO, B.S. *A Ginástica Artística na escola: realidade ou possibilidade?* Monografia de Graduação. Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, SP, 1998.

PUBLIO, N. S. *A Evolução Histórica da Ginástica Olímpica*. São Paulo: Phorte, 2ªed, 2002.

SAWASATO, Y.Y.; CASTRO, M.F.C. A dinâmica da Ginástica Olímpica. In: GAIO, R.; BATISTA, J.C.A. *A ginástica em questão*. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2006. Cap. 8, p. 107-123.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAWASATO, Y. Y., CASTRO, M. F. C. A dinâmica da Ginástica Olímpica. In: GAIO, R. BATISTA, J. C. A. *A ginástica em questão*. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2006. Cap. 8, p. 107-123.

SCHIAVON, L. M. *O projeto Crescendo com a Ginástica: uma possibilidade na Escola*. Campinas, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, SP, 2003.

SCHIAVON, L.M.; NISTA-PICCOLO, V.L. *A ginástica vai à escola*. Movimento, vol. 13, núm. 3, setembro-dezembro, 2007, pp. 131-150 Escola de Educação Física Rio Grande do Sul, Brasil.

SCHIAVON, L.M, NISTA-PICCOLO, V.L. Desafios da ginástica na escola. In: *Educação Física Escolar: propostas e desafios II* / (Org.) EVANDO CARLOS MOREIRA. – Jundiaí, SP: Fontoura Editora, 2006.

SILVA, J. V. P.; SAMPAIO, T. M. V. Os conteúdos das aulas de educação física do ensino fundamental: o que mostram os estudos? *R. bras. Ci. e Mov* 2012;20(2):106-118.

TSUKAMOTO, M. H. C.; NUNOMURA, M. Considerações sobre o crescimento e a maturação na Ginástica Artística. In: NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V.L. (Org.). *Compreendendo a ginástica artística*. São Paulo: Phorte, 2005.

VAGO, T. M. Educação Física na Escola: circular, reinventar, estimular, transmitir, produzir, praticar... cultura. In: Naire Jane Capistrano. (Org.). *O Ensino de Arte e Educação Física na Infância* - Coleção Cotidiano Escolar. Natal: UFRN/PAIDEIA/MEC, 2006, v. 2, p. 7-29.

VAGO, T.M. Início e fim do século XX: Maneiras de fazer educação física na escola. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 19, n. 48, 1999

VAGO, T. M. Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude – *Cadernos de formação RBCE*, p. 25-42, set. 2009.